Abdias do Nascimento

DRAMAS PARA NEGROS

e prólogo para brancos

Edição do
TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

Capa:
Omulus, *desenho de*
Mário Cravo

ABDIAS DO NASCIMENTO

DRAMAS PARA NEGROS
E
PRÓLOGO PARA BRANCOS

ANTOLOGIA DE TEATRO NEGRO-BRASILEIRO

EDIÇÃO DO
TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO
RIO DE JANEIRO
1961

NAMORADO:

E o meu cumprido está.

CÔRO:

(Em ritmo de martelo, sumindo-se com as luzes, gradativamente, até a treva mais completa).

E o teu cumprido está.
E o teu cumprido está.
E o teu cumprido está.
E o teu cumprido está.

PANO

ABDIAS
DO
NASCIMENTO

SORTILÉGIO

MISTÉRIO NEGRO

(Escrita especialmente para o Teatro Experimental do Negro)

1951

Esta peça, escrita
especialmente para o
Teatro Experimental do Negro,
é dedicada à memória de
Aguinaldo Camargo
e ao meu amigo
Roland Corbisier

PERSONAGENS

Filha de Santo I Filha de Santo II Filha de Santo III	Côro de negras
Orixá	Espírito das divindades
Doutor Emanuel	Negro, advogado
Efigênia	Negra, prostituta
Margarida	Branca, espôsa do Dr. Emanuel
Teoria das Iaôs	Noviças de Iemanjá, orixá do mar
Teoria dos Omolus	"Cavalos" de Omolu, orixá das enfermidades e da saúde, da vida e da morte

Côro interno de tamboristas, cantores, filhas, filhos e pai de santo.

NOTA

A critério do Diretor, o côro interno poderá ser transferido para o palco e a função da macumba se realizar à vista do público, desde que não prejudique a atmosfera de mistério e irrealismo fundamentais à evolução do drama íntimo do Herói. Aliás, uma transposição naturalista só prejudicaria a peça que não pretende trazer à cena a fotografia etnográfica da macumba ou do candomblé, nem a simples reprodução folclórica dos rituais negros.

Esta peça foi levada à cena, pela primeira vez, no dia 21 de agôsto de 1957, no Teatro Municipal — Rio de Janeiro —, pelo Teatro Experimental do Negro, sob a direção de Leo Jusi, com cenário de Enrico Bianco, música litúrgica de Abigail Moura, figurinos e máscaras de Omolu de Júlia Van Rogger, danças rituais de Ítalo de Oliveira, ídolos africanos (Exus) de Cláudio Moura, e com o seguinte elenco (por ordem de entrada):

Filhas de Santo	I Heloísa Hertã II Stela Delphino III Matilde Gomes
Orixá	Ítalo de Oliveira
Dr. Emanuel	Abdias do Nascimento
Efigênia	Léa Garcia
Margarida	Helba Nogueira
Teoria das Iaôs	Amôa, Ana Peluci, Edi dos Santos, Marlene Barbosa e Conceição do Nascimento
Teoria dos Omolus	Idem idem
Canto litúrgico (côro interno).	Coral da Orquestra Afro-Brasileira, regido pelo maestro Abigail Moura

(Bosque no alto do morro. Na metade esquerda do palco, uma elevação de cêrca de metro e meio de altura, ligada por um caminho ao primeiro plano embaixo. Na elevação do segundo plano existe uma espécie de capela rústica: o pegi de Exu. No centro do palco, uma grande árvore copada: a gameleira sagrada. Ao pé da árvore enorme lança de Exu, de forma estranha, quase uma zagaia africana. Na extremidade direita do palco, ainda no proscênio, tem início a ribanceira que contorna tôda a metade direita, perdendo-se nos fundos, entre árvores. A borda da ribanceira tem uma altura irregular, variando desde o chão, onde começa, até atingir a altura do segundo plano. Imprescindível acentuar a irrealidade fantasmagórica do ambiente. Ao abrir-se o pano, a cena está mergulhada numa semi-escuridão, como se velada por finíssima tela de filó. Pela folhagem coa-se uma circunferência de luar poroso que ilumina as três Filhas de Santo, de cócoras, em volta do tronco da gameleira. Vestem-se de branco, panos na cabeça, colares, etc. Gestos misteriosos. Estão terminando um "despacho").

I FILHA DE SANTO — ... azeite de dendê... farofa...

II FILHA DE SANTO — ... marafo... charuto...

III FILHA DE SANTO — ... galo prêto...

(Ouve-se sùbitamente o ruído de um galo se debatendo para morrer. Cacareja, rufla as asas, por fim um grito agudo de ave estrangulada corta o espaço. Longo silêncio).

I FILHA DE SANTO — Pronto: obrigação cumprida.

II FILHA DE SANTO — O despacho está feito.

III FILHA DE SANTO — Despacho forte.

TÔDAS (*juntas*) — Serviço bem feito.

II FILHA DE SANTO — Daqui a pouco começa a festa. Emanuel não demora.

I FILHA DE SANTO (*corrigindo*) — Doutor Emanuel.

III FILHA DE SANTO (*irônica*) — Doutor lá para a branca dêle. Comigo, não.

II FILHA DE SANTO — (*conciliadora*) — Há uma preta também na história: Efigênia.

III FILHA DE SANTO (*polêmica*) — Tinha horror de ser negra.

II FILHA DE SANTO — Mas botaram nela nome de santa: Efigênia. Uma santa trigueira.

III FILHA DE SANTO (*veemente*) — Negra. Santa negra. Ninguém escapa da sua côr.

I FILHA DE SANTO (*lírica*) — Queria ser branca... branca por dentro... ao menos por dentro...

III FILHA DE SANTO (*violenta*) — Ninguém escolhe a côr que tem. Côr da pele não é camisa que se troca quando quer. (*exaltada*) Raça é fado... é destino...

II FILHA DE SANTO (*ingênua*) — Será que por isso foi castigada? Pomba Gira entrou no corpo dela e não saiu mais...

I FILHA DE SANTO (doce) — Pomba Gira é volúvel como o vento... pôs chama no sangue de Efigênia... Amou... se entregou... foi possuída por muitos homens... homens belos... fortes... brancos...

III FILHA DE SANTO — ... até se destruir. Pomba Gira se entrega para cumprir missão. Efigênia se destruiu, não passa de um bagaço. Se consumiu na chama do próprio sangue. Bem feito.

II FILHA DE SANTO — Será a côr um destino?

III FILHA DE SANTO (*convicta*) — O destino está na côr. Ninguém foge do seu destino.

II FILHA DE SANTO — Prêto quando renega a Exu...

I FILHA DE SANTO — ... esquece os orixás...

II FILHA DE SANTO — ... desonra a Obatalá...

III FILHA DE SANTO (*vigorosa*) — Merece morrer. Desaparecer.

I FILHA DE SANTO (*lenta*) — Palavras duras. Nossa missão não é de rancor.

III FILHA DE SANTO (*sádica, perversa*) — Exu tremia de ódio, espumava de raiva, quando ordenou: "Eu quero êle aqui, de rastros, antes da hora grande."

I FILHA DE SANTO (*contemporizando*) — Tremia. Não de ódio. Exu só tem amor no coração. Exu só faz o bem.

III FILHA DE SANTO — E o mal. Faz também o mal. A cólera de Exu vai desabar sôbre a cabeça dêle. Aqui, quando...

II FILHA DE SANTO — ... soar doze badaladas, Exu sai para a rua.

III FILHA DE SANTO (*terrível*) — É a hora de Exu. A hora grande da meia-noite. Hora de sucessos espantosos.

I FILHA DE SANTO — Tenho pena.

III FILHA DE SANTO (*continua sem ouvir*) — De arrepiar os cabelos. Exu vai parar, vai confundir o tempo: passado e presente, o que foi e o que estiver acontecendo.

II FILHA DE SANTO — No candomblé Exu não baixa. Mas aqui êle é rei. Êle reina.

I FILHA DE SANTO — Emanuel ficará abandonado.

III FILHA DE SANTO — Não ficará. Cuidarei dos olhos. Apagarei nêles a imagem branca e odiosa de Margarida.

I FILHA DE SANTO (*maternal*) — Então... a bôca será minha. E os ouvidos. O amamentarei com marafo para ter coragem. Nos ouvidos derramarei música e vozes. Vozes inesperadas que pescarei no fundo do seu poço de recordações.

II FILHA DE SANTO (*ingênua*) — Não sobrou nada para mim? Ah, os pés. (*vai até à ribanceira, espia, volta para o seu lugar*). Os pés o estão trazendo para cá. Vem de corpo sujo. (*ajeita um enorme defumador*). Neste defumador purificarei Emanuel. A fumaça entrará pelos poros, pelo nariz...

I FILHA DE SANTO (*lírica*) — ... e êle retornará sem memória, puro e inocente como um recém-nascido, à grande noite iluminada de Aruanda.

III FILHA DE SANTO (*mística*) — Onde moram os orixás. Deve ser lindo viver em Aruanda!

II FILHA DE SANTO (*escutando no chão*) — Vem fugindo. Perseguido por muitos.

III FILHA DE SANTO (*feliz*) — Ninguém tocará nêle. Só a lança de Exu.

II FILHA DE SANTO (*triste*) — Fere suas carnes...

III FILHA DE SANTO (*exaltada*) — ... acolhe seu espírito...

(No segundo plano surge o Orixá. As Filhas de Santo, juntam-se num canto. O Orixá usa máscara de expressão suave, paramentos de cerimônia religiosa. Durante tôda a peça representa em pantomima. Um foco de luz segue-o sempre. Entra, observa a cena, espia a ribanceira. Espera alguém. De repente, fixa alguma coisa. Através da pantomima demonstra que afinal enxergou o que esperava. Depois, ràpidamente, esconde-se no segundo plano atrás das árvores, e observa por uns instantes. Surge Emanuel, subindo a ribanceira. Primeiramente aparece a cabeça: olhos esbugalhados, gravata frouxa no colarinho, respiração ofegante. Vem de rastros, sobe cautelosamente. É um negro em trajo comum de passeio. Após certificar-se de que não há ninguém, salta para o palco, vasculha a cena, depois fala cansado, dirigindo-se à ribanceira).

EMANUEL — Desta vez não me pegam. Não sou mais aquêle estudante idiota que vocês meteram no carro forte. Aos bofetões. Prêso por quê? O carro não pode regressar vazio à delegacia. Me racharam a cabeça com socos e cassetetes. Me obrigaram a cumprir sentença por crimes que jamais pensei cometer. Não matei. Não roubei. Agora nunca mais hão de me agarrar. (*volta-se para continuar a fuga*) Deve haver um jeito de escapulir. (*o Orixá desce do segundo para o primeiro plano e desaparece màgicamente no tronco da gameleira*) Jesus! Que é isso? Assombração? (*aproxima-se do tronco; vê o despacho; toca medrosamente com a ponta do pé*) Ah, é um despacho. Até galo prêto. Então é para Exu. Quanta porcaria. (*observa o pegí*) Aquilo é o pegí... (*volta-se para a grande árvore*)... a gameleira sagrada. O terreiro deve estar por aí. (*preocupado*) Mas... como foi que vim parar nêste lugar? Isto aqui é perigoso. Que imprudência. A polícia costuma dar batidas nos "terreiros". Prendem tambores sagrados, filhas e pais de santo...

I FILHA DE SANTO — Tão fácil prender um negro de madrugada!

EMANUEL (*profundamente magoado*) — Um só, não. Muitos. Como aquêles pobres diabos que me fizeram companhia.

II FILHA DE SANTO — Que crime cometeram?

III FILHA DE SANTO — Será crime a gente nascer prêto?

EMANUEL — Talvez hoje tenham razão em me prender.

III FILHA DE SANTO — Terão mesmo?

II FILHA DE SANTO — Acho que não.

EMANUEL — Não têm. Primeiro — eu não queria matar. Minha consciência não me acusa de nenhum crime. Não assassinei. Apesar dela ter morrido aqui nestas minhas mãos...

III FILHA DE SANTO — Ela morreu.

EMANUEL — Já estive prêso muitas vêzes. Não devemos nada um ao outro. (*aproxima-se do pegí, observa os elementos do candomblé no palco e nos bastidores*) É por isso que essa negrada não vai para a frente. Tantos séculos no meio da civilização... e o que adiantou? Ainda acreditando em feitiçaria... praticando macumba... evocando deuses selvagens... Deuses?! Por acaso serão deuses essa coisa que baixa nêsses negros boçais? Deuses essa histeria que come... bebe... dança... Até o amor êles fazem no candomblé. Deuses! Quanta ignorância. (*sorrindo*) Engraçado: êles são devotos igualmente dos santos e do demônio. Exu é o anjo caído, o anjo rebelado dos macumbeiros. Só religião de negro. Orixás! (*preocupado*) Não estou seguro aqui. Preciso dar o fora enquanto é tempo. Ir para bem longe.

I FILHA DE SANTO — Para o fim do mundo.

II FILHA DE SANTO — Para o reino de Olorum.

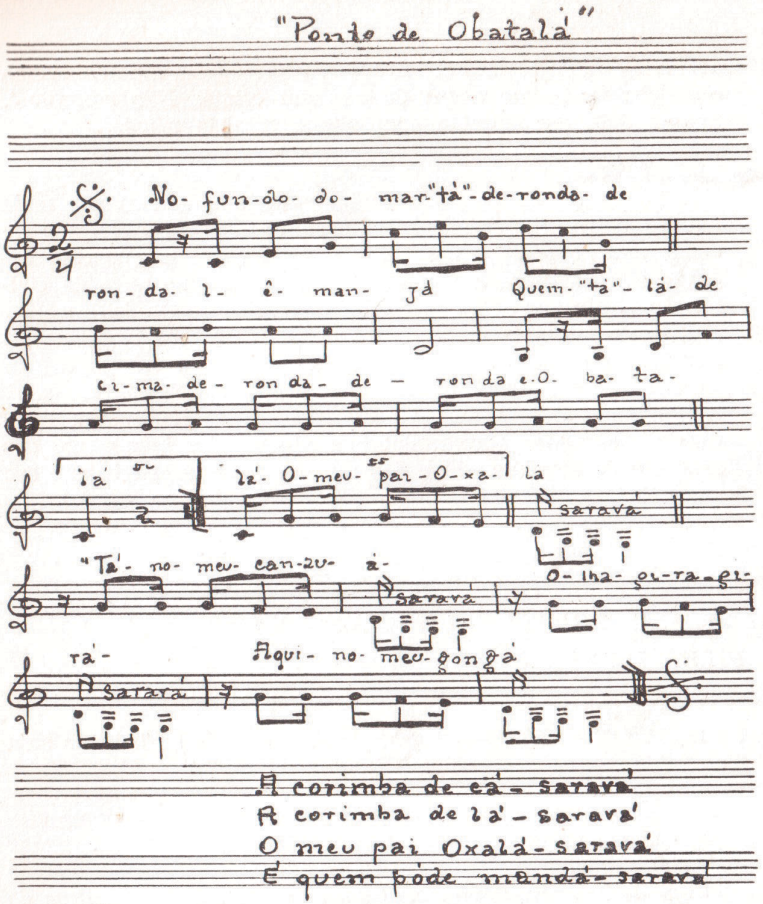
I FILHA DE SANTO — Para Aruanda.

II FILHA DE SANTO — Um lugar onde não ouça mais:

III FILHA DE SANTO — Negro quando não suja na entrada suja na saída.

(Vai sair pela esquerda. Sùbitamente soam fortes os atabaques. O Orixá surge sob a gameleira e faz gesto de puxar alguém por uma corda invisível. Emanuel estaca, os tambores param de repente. Silêncio. Ouvem-se palavras cabalísticas do Pai de Santo, dando início à função. Os atabaques iniciam então uma espécie de fundo rítmico, em surdina, que permanece até o fim da peça, acompanhando os "pontos", elevando e baixando ritmo e intensidade, conforme indicações. Emanuel recua de costas, como se puxado contra a vontade).

EMANUEL — E agora? Começou o maldito candomblé. (*olha a lua*) São umas onze horas e pouco. Só poderei dar o fora daqui depois da meia-noite. (*ouve-se o ponto de Obatalá; o canto cai em surdina*) Invocam Obatalá, o maior dos orixás... Depois, Xangô... Inhansã... Omolu... Iemanjá... Santo tôda a vida. À meia-noite baixa Exu. O pessoal vem cumprir obrigação aí no pegí. Então eu aproveito. (*bem humorado*) Exu é gozado. Não pode ouvir doze badaladas. Sai atrás de cha-



Bis { No fundo do mar "ta" de ronda...
de ronda Iemanjá
Quem "ta" lá de cima de ronda...
de ronda é Obatalá

O meu pai Oxalá — "Saravá"
"Ta" no meu canzoá — "Saravá"
Olha gira-girá — "Saravá"
Aqui no meu gongá — "Saravá"

A corimba de cá — "Saravá"
A corimba de lá — "Saravá"
O meu pai Oxalá — "Saravá"
É quem pode "mandá" — "Saravá"

ruto e cachaça. (*pensativo*) Imaginem, eu falando como se também acreditasse nessas bobagens. Eu, o doutor Emanuel, negro formado, que fêz primeira comunhão em criança. Mamãe rezava comigo... me ensinava o catecismo...

VOZ DE NEGRA VELHA (*suave*) — Ave Maria — Cheia de graça — O Senhor é convosco.

(Um ruído para os lados da gameleira interrompe a oração. O mesmo ruído do galo estrangulado. Emanuel está aterrorizado. Enxuga a fronte, olhos esbugalhados, respiração prêsa. Depois, medrosamente, aproxima-se da gameleira. Toca algo com o pé).

EMANUEL (*aliviado*) — O diabo dêste galo acabando de morrer. Mas preciso estar alerta. Com um ôlho no padre e outro na missa (*espia a ribanceira*). Hum... êste buraco está escuro que nem pixe. Se a polícia consegue subir, me agarra de surprêsa... Vou é meter o pé na estrada de qualquer jeito.

(Vai sair, o canto sobe forte e violento, como se uma parede se erguesse. O Orixá reaparece sob a gameleira, faz gesto de beber no gargalo da garrafa. Emanuel recua se contorcendo de susto).

EMANUEL — Que situação! Não posso atravessar o "terreiro" com todo êsse movimento. Não temo os orixás. Mas... é loucura provocar negros possessos.

(Abatido senta-se sob a gameleira)

I FILHA DE SANTO — Margarida estava uma noiva linda.

EMANUEL — Não sei como aconteceu...

II FILHA DE SANTO — Véu muito longo...

EMANUEL — Tão inexplicável.

III FILHA DE SANTO — Carne branca...

I FILHA DE SANTO — Tão branca...

EMANUEL — Depois da cerimônia nos beijamos. Foi aí que notei: aquêle espanto nos olhos de todo mundo. Bem na minha frente, a face envergonhada de sua mãe Margarida. (*desanimado seus olhos procuram até se fixarem na garrafa de cachaça*) Se eu experimentasse um trago de cachaça? (*vai apanhá-la, recua a mão, amedrontado*) Dizem que bulir em despacho de Exu dá azar. (*pausa breve*).

III FILHA DE SANTO (*encorajando-o*) — Superstição.

EMANUEL — Quero ver se o demônio dos negros é pior que o demônio dos brancos. (*bebe; pausa esperando acontecer algo; zombeteiro*) Como é, Exu? Não acontece nada? (*rindo*) Não vai me transformar num sapo ou numa cobra? Ou num demônio igual a você (*está rindo, sua expressão se transforma lentamente, fala absorto, fixando um ponto qualquer no espaço*) Por que estou me lembrando disso agora? Eu menino... na escola... Os colegas me vaiando...

VOZES INFANTIS (*crescendo, até gritar*) — Ti...ção.. ti...ção... ti...ção... ti...ção.

EMANUEL (*imóvel*) — Fugi... me perseguiram... eram maus... Me atiraram pedras...

VOZES INFANTIS (*decrescendo até murmurar*) — Ti...ção... ti...ção... ti...ção... ti...ção.

EMANUEL (*grita de dor*) — Ai minha cabeça. (*descritivo*) Caí. Uma escuridão de morte. Não enxergava mais nada. Na minha frente, se libertando das trevas, surgiu uma flor, uma flor esquisita...

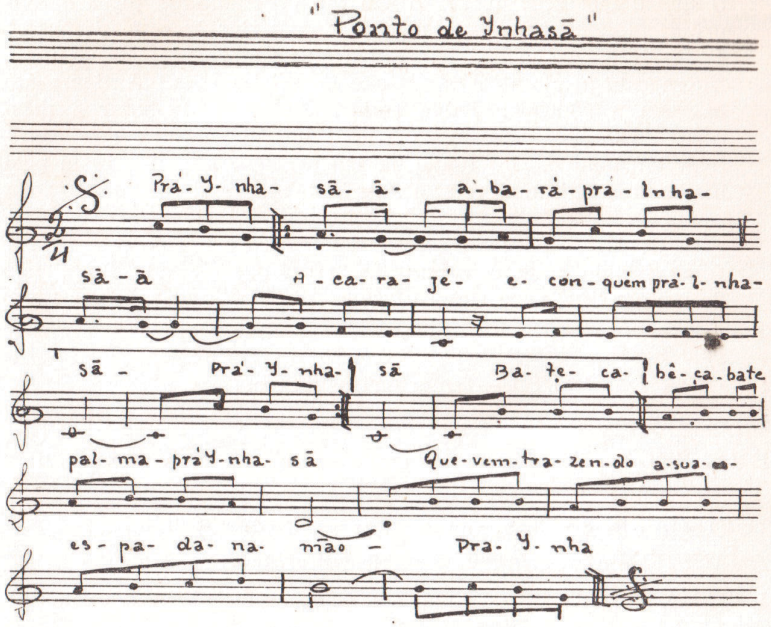
I FILHA DE SANTO — Muito branca...

II FILHA DE SANTO — Igual um lírio...

I FILHA DE SANTO — Gigantesco lírio de haste ferida, escorrendo um mar de sangue.

EMANUEL (*sem ênfase*) — Tanto sangue! Como uma pessoa cortada pelo meio. Oh! não me esqueço disso! (*pausa breve; galhofeiro*) Mas que tem a ver uma flor bonita como o lírio com êsse Exu boa vida? Marafo... farofa... azeite de dendê... charuto... dizem que até mulher nova também. Aí, Exu. Abre um "terreiro" lá na cidade. Vai ver como todo mundo corre para a sua igreja. (*sorrindo*) Parece igreja de padre. Não é que Exu gosta também de incenso? Deixa ver o cheiro da perfumaria do diabo.

(Acende o defumador. Envolta na fumaça e no meio do tronco que se ilumina fracamente, aparece Efigênia com um foco de luz esverdeada no rosto. Uma negra jovem, vestida espalhafatosamente de mau gôsto. Fuma constantemente. Tanto quanto possível, gesticula e se movimenta mecânicamente, como boneco. Sempre que entra, ouve-se o "ponto" de Inhansã, pelo côro invisível dos filhos e filhas de santo. Saúdam: "Êpa Rei. Êpa Rei").



Bis { Prá Ynhasã, abará prá Ynhasã
Acarajé e conquém prá Ynhasã

Solo Bate cabeça, bate palma prá Ynhasã
Que vem trazendo a sua espada na mão
Aqui "baixou" a companheira de Xangô
Oi Santa Bárbara Senhora Ynhasã

O que é que você quer? Ainda me perseguindo? (*após a surprêsa inicial, fala com crescente superioridade e desprêzo*) Pode rir, negra ordinária. Foi o que sempre fêz: rir de mim. Agora está sendo sincera. Rindo na minha cara. Antigamente bancava a educada. Sabia fingir. Esqueceu de botar a máscara? Ah, sei. Não havia mais esperança. Para que continuar enganando. Do fundo da tua perdição ainda te resta pelo menos uma última alegria: a alegria de me haver desgraçado para sempre. Está feliz agora? Agora que deixei de ser o advogado de futúro para me tornar num negro acossado pela poli... (*olha rápido para a ribanceira, prossegue firme*) Nunca hão de me agarrar, pode ficar descansada. Nem com você nos meus calcanhares. Me farejando como cão danado. (*senta-se sob a gameleira*).

I FILHA DE SANTO — O primeiro abraço...

II FILHA DE SANTO — O primeiro beijo...

EMANUEL — Naquele tempo eu acreditei em você. Como talvez acreditasse em outra. Que me falasse com a mesma ternura...

II FILHA DE SANTO — Que frêmito crispando a noite!

EMANUEL — ... o mesmo tom de sinceridade.

I FILHA DE SANTO — Uma lua como está boiava no céu...

EMANUEL (*raiva*) — Lembra-se, Efigênia? (*ela balança a cabeça sorrindo*) E nenhuma desgraça cai sôbre tua cabeça? Nenhum fogo do inferno consome teu corpo? A mão de Deus, onde está, que não aniquila para sempre tua alma danada?

(Apanha a lança de Exu, brande-a raivosamente contra a aparição. Reconhece sùbitamente a espada, larga-a amedrontado).

EMANUEL — Cruz credo. (*ao voltar-se para Efigênia, esta já desapareceu*) Foi-se embora mesmo... Ou não tinha ninguém aí e eu estava vendo assombração? (*procura acalmar-se*) Sabe de uma coisa, sagrada ou não, é melhor empunhar a lança. No último caso, ela servirá para varar as tripas de um polícia. (*sorrindo*) Gaiato espetar um tira. (*faz gesto no vácuo*) O bicho estrebuchando, e a gente: "Toma, isto é Exu, vingando todos os negros que vocês mandam para a Ilha Grande." (*olha a lua*) Que bela noite. Em noite assim não devia morrer ninguém.

I FILHA DE SANTO — Nem morrer, nem ser assassinado.

EMANUEL (*largando a lança*) — Margarida morreu.

II FILHA DE SANTO — Morreu, ou você matou?

EMANUEL — Não... não matei. Se houve vítima, a vítima fui eu. As duas se odiavam. Mas contra mim, agiram como aliadas. Me liquidaram antes de eu acabar de vez. (*pausa*) Efigênia!... Para onde você foi? Onde se escondeu? Volta, Efigênia, volta... (*completamente transtornado*) Efigênia... Efigênia...

(Emanuel procura sob a gameleira, sobe ao segundo plano. Efigênia reaparece em trajo de ballet clássico. Coroa do bailado dos cisnes na cabeça).

EMANUEL — Estou tão confuso... Não sei o que digo, o que faço. Não sei nem mesmo onde estou...

EFIGÊNIA (*lentamente, como num sonho*) — Está me esperando, querido. O que há? Não me acompanha hoje? Acabou a aula de ballet.

EMANUEL (*indeciso*) — Talvez eu preferisse que você... Bem, não é isso. (*resoluto*) Se você estudasse outra coisa?

EFIGÊNIA — Como, outra coisa! Não discutimos o assunto tantas vêzes? E a conclusão não foi sempre: ballet clássico? Você não me queria misturada aos sambas de morro, de gafieira. Me proibiu freqüentar "terreiros" onde aprendia a dançar o ritmo dos pontos sagrados...

EMANUEL — Mudei de idéia. Mudei porque também você está mudando.

EFIGÊNIA — Eu?

EMANUEL — De uns tempos para cá você nem me liga...

EFIGÊNIA — Então é isso! (*apaixonada*) Confia em mim. Meu sentimento não muda nunca. É um só. Você é e será sempre o meu amor. Meu único amor. Para tôda a vida.

EMANUEL — Confio em você. Nêles, não. Não confio. Quer ouvir tudo?

EFIGÊNIA — Tudo. Até a última palavra.

(Efigênia desaparece, enquanto Emanuel fala, e reaparece com o traje de prostituta).

EMANUEL (*explicativo, sincero*) — Você já observou como os brancos olham para você? Com ar de donos? Está assentado na consciência dêles. Nem se dão ao trabalho de exame. Basta desejar uma negra, e pronto: dorme com ela. Oh, que altera mais uma negra no bordel? Tinha certeza que você não seria minha. Nem minha nem de qualquer outro rapaz de côr. Uma negra

formosa como você? "Meu cisne noturno", era como lhe chamava então. Lembra-se? (*pausa breve*) Estou me tornando um sentimental estúpido. Devia te meter o chicote. Te rasgar os seios. Arrancar a pústula que você tem em lugar de coração. (*mordaz*) E eu, certo de haver encontrado meu amor imortal! Não existe amor, seu bêsta. Existe... esta negra decaída te perseguindo.

III FILHA DE SANTO (*lírica*) — O cadáver de Margarida...

I FILHA DE SANTO — Pálido... bôca aberta...

II FILHA DE SANTO — Olhos azuis de boneca fitando para o alto...

I FILHA DE SANTO — Os longos cabelos revoltos sôbre o traveseiro...

III FILHA DE SANTO — Mãos aflitas sôbre a própria garganta...

EMANUEL (*violento*) — Maldita polícia atrás de mim. (*breve pausa. Efigênia sorri*) Está rindo. Mas sabe que não matei. Você sabe, não sabe? (*emoção crescente*) Por que não conta tudo? Diga à polícia que não matei Margarida. Prometo ir morar com você. Não é o que você quer? Vamos viver juntos. Nem que seja na casa da rua Conde Lage. Tenho mêdo, Efigênia. Voltar para aquela penitenciária dos infernos! Sabe o que é a cadeia? Anos e anos trancafiado num buraco escuro e frio?

I FILHA DE SANTO (*sonhadora*) — O mar túmido lavando as distâncias...

II FILHA DE SANTO — Água fecundando a terra...

EMANUEL (*amargo*) — ... e a gente alí. Respirando e já defunto. Pior que um defunto, que pelo menos espera o julgamento de Deus. (*os atabaques crescem*) Esta zoada de Satanás arrasa com a gente. (*gritando*) Parem... parem pelas chagas de Cristo!

(Ao pronunciar as duas últimas frases, Emanuel desce para o primeiro plano. Tira a gravata, enxuga o suor. Efigênia desaparece. Mais calmo, aproxima-se da ribanceira).

EMANUEL — Ainda não vejo ninguém. Mas tenho certeza que êles virão. Nem aqui no alto do morro nos dão sossêgo. Negro desce tôda manhã...Faz fôrça o dia inteiro. Quebra pedra debaixo do sol. Carrega saco no cais. É só o que lhe deixam fazer. Ou então está curvado à porta dos gabinetes (*imita grotescamente*): "Não sinhô... sim sinhô..." Negro desce... sabe lá se volta? Quando não é prêso lá embaixo, perseguem

o desgraçado até cá em cima. Quem não vira valente? Branco e prêto? E se defende? A pau, a bala, ou a faca?

(Ouve-se o ponto de Iemanjá. Uma voz saúda "Odomí", o côro responde "odocciaba". No segundo plano surge a Teoria das Iaôs).

I FILHA DE SANTO — Vai contar logo hoje?

III FILHA DE SANTO — Hoje, não: agora. É preciso que êle saiba agora. Antes que Iemanjá chegue.

II FILHA DE SANTO — Trazendo na rêde...

I FILHA DE SANTO — Agora não. É véspera de Ano Novo. Esperem. Êle mal acaba de sair da prisão.

III FILHA DE SANTO — Tenho nada com isso. Vou gritar. (*grita*) Efigênia é uma perdida.

(Emanuel leva um choque. Sofre. Encaminha-se com passo lerdo e incerto para o canto esquerdo do proscênio, senta-se num tronco de árvore, olha a platéia como se contemplasse fascinado o mar).

EMANUEL (*murmurando*) — Mentira... mentira.Não acredito.

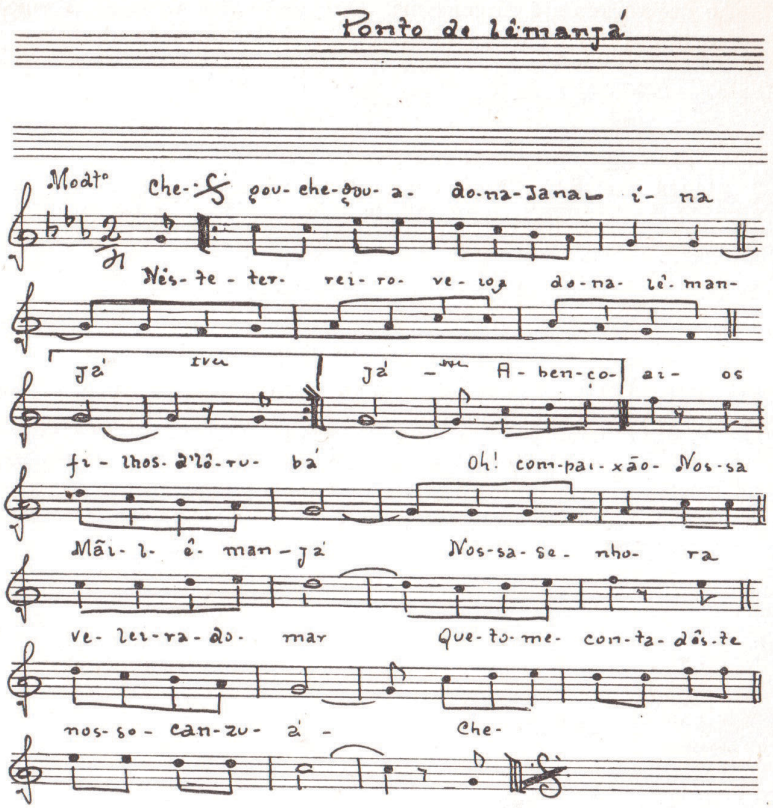
(O canto de Iemanjá sobe. A Teoria das Iaôs inicia uma dança sensual, exagerados ademanes de mulher vaidosa. Dança por uns instantes. Ouvem-se apitos, buzinas, sirenes, — o ano novo que rompe.)

EMANUEL — Minha cabeça está zonza. Estou ouvindo coisas, meu Deus.

(A Teoria das Iaôs puxa uma rêde em direção ao primeiro plano. No meio do caminho que liga os dois planos, Margarida, que se achava envolta na rêde, caminha num passo lento rumo a Emanuel. Dançando ou caminhando, tanto Margarida como a Teoria das Iaôs, parecem acompanhar as ondulações do mar.)

EMANUEL (*seguindo Margarida com o olhar*) — Tão branca e acredita em superstição de negro. Ou será que Iemanjá está no corpo dela? Dizem que filha de dona Janaína não escolhe... Quer é ser emprenhada seja lá por quem fôr... Não, essas são as filhas de Pomba Gira... Ah, talvez seja por isso. Afirmam que negra não tem pudor... Mas se entregarem aos brancos só por serem brancos, é estupidez.

III FILHA DE SANTO — Em que é que branco melhora a raça?



Bis { Chegou... chegou a dona Janaína
Neste terreiro veio a dona Yemanjá

Abençoai os filhos d'lôrubá
Oh!... compaixão nossa mãe Yemanjá
Nossa Senhora Veleira do mar
Que tome conta dêste nosso canzoá

EMANUEL — Serem defloradas e atiradas para o lado que nem cadelas...

III FILHA DE SANTO — ... é limpar o sangue?

I FILHA DE SANTO — E quando branca gosta de negro?

II FILHA DE SANTO — Margarida não se enamorou de ti?

EMANUEL — Isto é o que ela dizia. Que gostava, que me amava. (*pausa*) Curioso eu não saber a diferença. Mas não é a mesma coisa.

III FILHA DE SANTO — O que não é a mesma coisa, Dr. Emanuel?

EMANUEL — Me lembrei. Ora, um advogado não perceber logo diferença tão simples. (*acentuando bem as palavras*) Branco nunca é prêso por fazer mal a uma preta. Mas infeliz do negro que fizer mal a uma branca! Fizer? Qual, nem precisa mesmo fazer para ser logo chamado de monstro.

MARGARIDA (*em tom de brincadeira*) — Está sonhando com quem?

I FILHA DE SANTO — Deixa... Êle precisa sonhar.

II FILHA DE SANTO — Emanuel não sonha. As águas o estão atraindo. (*grita*) Não!

III FILHA DE SANTO — Êle está é fascinado pelos presentes de Iemanjá. Veja como bóiam sôbre o mar espêsso... rosas brancas...

I FILHA DE SANTO — ... pentes ... espelhos ... perfumes...

II FILHA DE SANTO — ... colares ... brincos ... pulseiras...

EMANUEL (*sorrindo*) — Iemanjá vaidosa. Nem estrêla de cinema.

(Margarida beija-o na face e vai juntar-se à Teoria das Iaôs).

EMANUEL (*evocando*) — Naquela noite já estava noivo de Margarida. Fomos a um baile. Na volta... de madrugada, resolvemos caminhar um pouco. Sùbitamente ao nosso lado encostou uma camioneta da polícia:

I VOZ AGRESSIVA — Um negro beijando uma branca.

II VOZ AGRESSIVA — É um assalto.

III VOZ AGRESSIVA — Está agredindo.

EMANUEL — Os tiras me surraram. Sôcos... ponta-pés. Me atiraram no carro de presos.

MARGARIDA (*protestando*) — Não me assaltava. Não me agredia. Êle é meu noivo. Meu noivo, estão ouvindo?

EMANUEL — Eu, noivo dela! Grades, outra vez grades...

(O canto sobe, a dança das Iaôs atinge o climax. Emanuel está profundamente sugestionado. Entra o Orixá, põe resina no defumador e benze o negro com fumaça. Sem tocá-lo, o Orixá executa a saudação ritual dos terreiros, fingindo tocar-lhe num e noutro ombro. Depois tira do pescoço um vistoso colar de algas marinhas: uma guia sagrada de Iemanjá, colocando-a no pescoço de Emanuel. Êste torna à realidade, sùbitamente desaparecem o Orixá, Margarida e a Teoria das Iaôs, enquanto Emanuel estraçalha o colar com violência. O som dos atabaques diminui repentinamente de intensidade. O negro fala amedrontado).

EMANUEL — Que mironga é esta no meu pescoço? Quem está tentando me enfeitiçar? Não acredito em macumba, já disse. (*pausa, reflete...*) Sempre debochei dessa cangira... Mas... se tudo fôr verdade? Se estiver acontecendo mesmo? Afinal de contas, é o culto do meu povo. Só porque me formei vou desprezar a religião do meu sangue? Se algum Orixá estiver tratando de me livrar da cadeia dos brancos? (*pausa, volta-se para o segundo plano onde apareceu Efigênia pela última vez*) Quando menciono cadeia, não te lembra nada, Efigênia? Ou será que até sua memória também já apodreceu? Como fui estúpido. Te acompanhar à delegacia.

EFIGÊNIA (*irrompe na cena e fala agressiva*) — Foi porque quis. Não obriguei. Nem ao menos pedi.

EMANUEL — Você acabou de contar a vergonhosa história com o José Roberto. Bancou a ingênua, a seduzida...

EFIGÊNIA — Banquei, não: fui. Eu também era donzela, ora essa.

EMANUEL — Seduzida, você. Botar a mão num marido branco. Isto sim, era o que você queria. Marido branco mesmo forçado pela polícia.

EFIGÊNIA (*sarcástica*) — E você, com quem casou? Com negra, por acaso? Negro formado só quer saber de branca. Loura.

EMANUEL — Você não tinha o direito de se queixar à polícia.

EFIGÊNIA — Ah, meu filho, direito eu tinha. Então um doutor em leis não sabe disso? A lei estava do meu lado. A lei protege as menores de dezoito.

EMANUEL — Que cínica!

EFIGÊNIA — "Dura lex, sed lex". Não é assim que se diz? Eu tinha dezessete anos. Donzela...

EMANUEL — Se estava tão certa da lei, por que chorou? Vi amargura no seu rosto quando o delegado...

VOZ AGRESSIVA — Acabe logo com êsses fricotes, vagabunda.

EFIGÊNIA (*tornando-se sincera*) — Amargura? Sim, é verdade. A eterna amargura da côr. Compreendi que a lei não está ao lado da virgindade negra... Mas você estragou tudo. Por que agrediu o delegado? Aquêles polícias te derrubaram... bateram tanto em você... no corpo... na cabeça... sangue espirrando... Oh, meu Deus! O delegado rasgou sua carteira de advogado, jogou tudo no lixo...

VOZ AGRESSIVA — Metam o doutor africano no xadrez!

EMANUEL (*sem ênfase, irônico*) — Covarde!

EFIGÊNIA (*censurando*) — Você procedeu como malandro de morro. Para que, então, diploma, anel de grau no dedo?

EMANUEL — Chega, não quero lembrar.

EFIGÊNIA — Quem chamou? Quem lembrou primeiro? Eu não fui...

EMANUEL — Podemos mudar de assunto. Lembrar os bons momentos. Olhe para cima. Veja, uma estrêla escorregou no céu! Em noite assim, de lua e muitas estrêlas, nós...

EFIGÊNIA (*dependura-se amorosa no pescoço dêle; é a antiga namorada*) — Eu queria ser muito amada. Gosta muito de mim? Gosta de verdade?

EMANUEL (*volta a ser o antigo namorado, também*) — Cada minuto que passa gosto mais. Lindo... seu perfil de cisne.

EFIGÊNIA (*abraçando-o e beijando-o na bôca*) — Planejei que fôsse assim, de surprêsa, nosso primeiro beijo. (*rindo*) Gostou? Que está sentindo?

EMANUEL (*emocionado*) — Se você soubesse. Se eu pudesse dizer. Tanta coisa. Difícil explicar. É assim. Primeiro uma sensação de paz. Depois... vê aquela lua grávida, subindo lentamente? É como se eu estivesse montado nela. Um São Jorge espiando o mundo lá do alto. Nada cá de baixo me atingindo: a cadeia, as complicações dêsse mundo duro. A palavra exata é esta: transfiguração. Transfigurei-me num ser alado. Meus pés não tocam a face da terra. Viajo para o infinito... para o eterno... Livre... Livre...

EFIGÊNCIA (*reage, torna-se novamente a prostituta vulgar*) — Safa! Nunca imaginei que um simples beijo fôsse capaz disso. Tanta literatura barata.

EMANUEL — Você não compreende mais nada. Nada que ultrapasse os limites dos seus caprichos, dos seus desejos.

EFIGÊNIA — Satisfazendo meus desejos, — meus caprichos — (*mordaz*) estou conquistando meu espaço, cavalgando a minha lua, como diz você.

EMANUEL (*bebendo*) — A glória, a fama, que te ajudei conquistar! Te embriagam mais que esta cachaça. O público te aplaude. Jornais te chamam de "grande artista". E você perde a cabeça. Só pensa nos brancos que te podem dar oportunidades...

EFIGÊNIA — Negro é maldição. Estou farta de imundícies. Como freqüentar lugares decentes? Que rapaz de côr me ofereceria a festa desta noite? (*sincera*) Você compreende, não é, meu bem? Não se zangue. Êles só vão me levar a uma boate. Está bem? (*espera resposta que não vem*) Você não diz nada? Faz parte da minha carreira, querido... Hum, está cada vez mais piegas. Igualzinho namorado de subúrbio.

EMANUEL (*afastando-se*) — Eu, namorado de subúrbio! Não. Muito mais selvagem e primitivo. Minha vontade era te arrebentar. Antes tivesse feito. Assim nosso amor teria continuado. Para sempre. (*pausa, calmo*) Tolice falar. Águas passadas não rodam moinho. Você é uma causa sem remédio. Uma causa? Prostituta negra nem chega a tanto. Pode ser quando muito uma chaga, uma mancha: na pele e na alma. (*raiva crescente*) Daqui sinto o bafo podre da sua bôca profanada. A morrinha azêda que vem de ti me dá náuseas. Agora não precisa mais escolher. Aceita qualquer um. Sem dúvida debaixo dos lençóis todos os corpos são iguais. O desejo não vê côr. Vê a fêmea e o macho. Mas você não se entregou ao José Roberto por amor. Ou desejo. Puro interêsse.

EFIGÊNIA — Usei meu corpo como se usa uma chave. Você me ensinou imitar as colegas brancas. Então? Qual era a vida delas? Você sabia: vestidos elegantes... perfumes franceses... música... uísque... No princípio, oh! como tudo isso me encantava!

EMANUEL — Também te encantavam os homens. Dormiu com um. Depois com todos êles. Já esqueceu?

EFIGÊNIA — Não. Eu tinha dezessete anos e te amava, gostava de ti como jamais gostei de nenhum outro homem. Mas precisava vencer. Do meu talento não queriam saber. Só do meu

corpo. Fiz dêle minha arma. Depois aconteceu o que não previ: os homens se transformaram na única razão da minha vida. Aos poucos minha carreira foi ficando de lado. Os vestidos elegantes, meu corpo, até meu nome, tudo perdeu o sentido. Só importava meu desejo de homens. Belo ou feio, baixo, alto, gordo, desdentado. Vermelho ou amarelo. Tudo servia! (*lírica*) Tão bom satisfazer desejo de homem! (*mística*) Eu cumpria uma ordem divina. Executava um ato litúrgico. (*vulgar*) Por isso deixei Copacabana. Mudei para a Lapa.

EMANUEL — Ato sagrado. Falta de vergonha. Cadela no cio. Mas Deus te castigou. Clamei ao céu e Deus me ouviu. (*furioso*) Castigo... castigo de Deus sôbre você.

(Efigênia desaparece. Emanuel desce, espia a ribanceira, o canto sobe).

EMANUEL — Começa a clarear lá embaixo. Distingo alguma coisa. Se êles tentarem subir é porque na certa me descobriram. Sabem que estou aqui. (*olha a lua*) Lua camarada. Está andando mais depressa. Não demora dar meia-noite. (*o canto sobe mais, o negro põe as mãos nos ouvidos*) O pior é essa cantoria que me deixa zonzo, zonzo. É preciso ser macho mesmo para agüentar a situação. Mas você tem nervos de aço, negro. Vamos... Calma e firmeza. (*sorri*) Acho que outro trago me faria bem.

(Bebe. O Orixá atravessa a cena com o fantástico lírio ensangüentado. O Orixá não anda, é uma estátua puxada num carro invisível).

EMANUEL (*com expressão estranha*) — Que negócio é êsse? Uma flor... um lírio, talvez... (*grita*) Isto é lírio ou assombração? (*gesto de colhêr uma flor imaginária; o Orixá desaparece*) Te esconjuro. Não há nada, não tinha ninguém. Será mandinga nos meus olhos? Ou estou ficando bêbedo. Tôda vez que vejo lírio sinto cheiro de velório. Não tomo nem mais um gole. Imagine se o marafo me sobe para os miolos? Estou frito. Fico aí de pernas bambas... estirado no chão... Êles vêm, me pegam fàcilmente como se eu fôsse um negro boçal qualquer. Dêsses que êles mandam para a Ilha Grande. Como animais. Sem processo, sem formação de culpa ou sentença do juiz. Juiz? Até juiz chama a gente de "negro assassino". Não há outro jeito. Só mesmo êste. (*bebe e ri; no segundo gole estaca; quebra a garrafa no chão*) Estúpido. Quer ficar embriagado e ser prêso? Quer que Exu tome conta do seu corpo?

97968-11064-ATI

(Emanuel tem ligeiros estremecimentos no corpo. Leva as mãos à testa, gesto de espantar maus pensamentos: é à sugestão que volta mais forte. Tenta encorajar-se, sorrindo. Ouve-se o "ponto" de Xangô. O côro saúda: "Caô cabecile! Caô cabecile!").

EMANUEL (fanfarrão) — Caô uma ova. Qual Exu qual nada, seu doutor. O que você quer agora é um bom charuto.

(Apanha um charuto, acende, tira várias baforadas. Julga ouvir rumor, corre à ribanceira, espia, recua amedrontado. Joga o charuto no chão amassa-o com o pé).

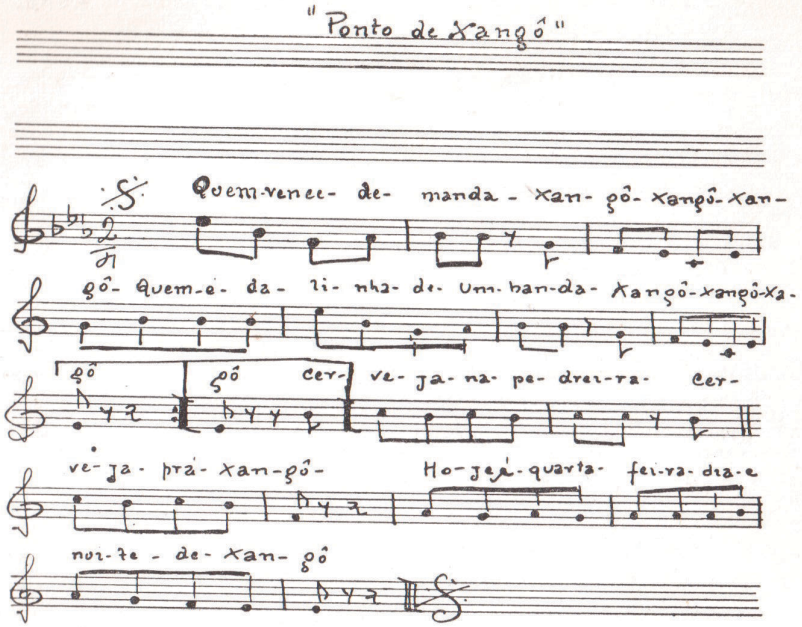
EMANUEL (*aflito*) — Serão êles? Na certa viram a brasa dêste charuto excomungado. Oh! preciso fugir, desaparecer!

(O ponto de Xangô cresce vibrante. O Orixá surge, aponta a lança de Exu. Emanuel assusta-se, recua agachado, de rastros, observa a ribanceira).

EMANUEL — Uns pontinhos escuros se mexem lá embaixo. São êles. Tenho que estar preparado para tudo. Não posso ser agarrado assim sem mais nem menos. Uma arma. Um revólver. (*examina a cena, dá com o olhar na espada, empunha-a e fala confiante*) Venham. Antes de me prenderem mando alguns de vocês para o outro mundo. (*pausa breve; reflete*) Outra vez!..A mesma sensação de anos atrás. As águas negras de Iemanjá... idéias malucas de acabar com a vida. Mergulhar e não voltar nunca mais... Se me atravessasse com esta lança? Seria gozado: a cara da polícia me encontrando aqui de bucho furado. Bolas! Terminava minha sina de cão perseguido. Vamos, negro. Que espera? Põe fim nisto. Um pouquinho de coragem... um pequeno golpe, e pronto. (*verificando a lâmina*) Ponta bem afiada... Faça como o negro Otelo. Lembra-se? Mas... Desdêmona era inocente. E Otelo?

VOZES — Culpado. Culpado. Culpado como todos os negros.

EMANUEL — Que tenho eu a ver com Otelo, santo Deus? Êle matou, assassinou por ciúme. Ou por caridade, não sei. Eu, não. Tenho as mãos limpas. As mãos e a alma. E não sou negro de alma branca, não. Branca por quê? Quem já viu côr de alma? Exu também é negro como eu. Mesmo assim é poderoso. (*pausa breve; debochando*) Poderoso! Poderoso lá para as negras dêle. Comigo, não. Não sou disso. Acreditar que esta droga é sagrada. Capaz de fazer prodígios. Milagre! Pois sim. Só mesmo na cabeça ôca de macumbeiros. (*desafiando*)



Solo: Quem vence demanda?
Côro: Xangô! Xangô! Xangô!
Solo: Quem é da linha de umbanda?
Côro: Xangô! Xangô! Xangô!

Côro: Cerveja na pedreira
Cerveja prá Xangô
Hoje é quarta-feira
Dia e noite de Xangô

Você não é uma tapeação, Exu? Então me esconda da polícia. Me faça desaparecer. Não quer fechar o meu corpo?

(Ri e atira a espada que vai cravar-se no tronco da gameleira. Os atabaques vibram. A porta do pegi abre-se com estrondo. Emanuel aterrorizado cai de joelhos, ouve-se a risada demoníaca de Exu, num crescendo, vindo da escuridão da capela e espraiando-se ameaçadora pela platéia).

EMANUEL — Padre Nosso que estais no céu. Santificado seja o Vosso Nome. Perdão meu Deus, perdão. Sei que pequei. Blasfemei invocando o demônio negro. Mas estou desesperado. Fiz sem pensar. Sem querer. Êles estão atrás de mim e não sou assassino. Meu Senhor Jesus Cristo, não me abandone. Não deixe êsse "homem da rua" tomar conta do meu corpo. (*risadas insistentes, cada vez mais terríveis; Emanuel se arrasta em direção à porta do pegi como puxado contra a vontade*) Meu Deus de misericórdia. Estava brincando. Nunca acreditei em macumba... Nem desejei assassinar Margarida... Não sei como aquilo aconteceu... até parece castigo... (*está à porta do pegi*).

(As Filhas de Santo reaparecem, falam e fazem gestos misteriosos de encantamento, de possessão do negro).

II FILHA DE SANTO — Castigo...

EMANUEL — Para mim? Ou para ela?...

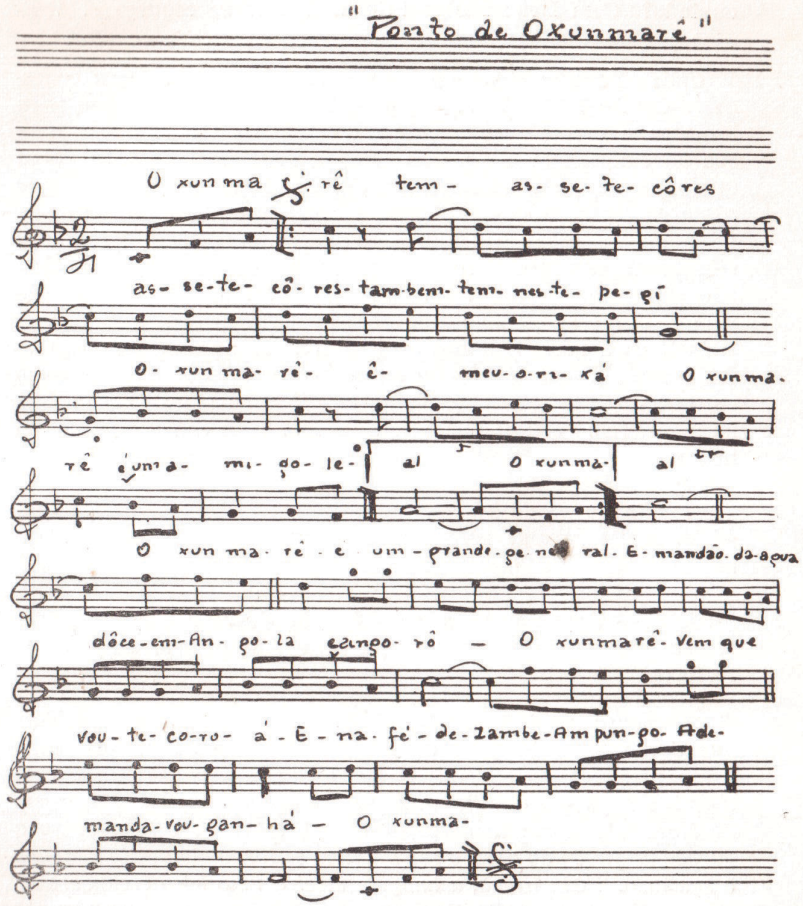
III FILHA DE SANTO — Exu está em todos os caminhos ao mesmo tempo.

EMANUEL — Como pode?

III FILHA DE SANTO — Em tôda encruzilhada à meia-noite.

EMANUEL — Exu é um só, ou é muitos? (*risadas insistentes*) Oh... estou abandonado... estou perdido. Não tenho mais fôrças... O "coisa ruim" vai tomar conta de mim. (*tira o paletó, os sapatos, as meias; levanta-se; ouve-se o ponto de Oxumarê; sorrindo*) Até onde você foi parar heim, Dr. Emanuel? Se apavorando à-tôa como reles ignorante. Que adiantaram os anos de Universidade? Se impressionando com bugigangas. Rezando o Padre Nosso. Chamando até por Jesus Cristo. Deus de padre é feitiçaria de branco. Feitiçaria civilizada. Mas feitiçaria igualzinha à esta aqui.

VOZ DE NEGRA VELHA — Não blasfema, meu filho, tirei seu nome da Bíblia. Emanuel quer dizer Deus conosco. Deus, está



Oxunmarê tem as sete côres
As sete côres também tem neste "pegi"
Oxunmarê êh meu orixá!
Oxunmarê é um amigo leal

Oxunmarê é um grande general
É mandão da água doce
Em Angola é angorô
Oxunmarê vem que vou te "coroá"
E na fé de Zambe-Ampungo
A demanda vou "ganhá"

ouvindo? Com Deus não se brinca. Nunca se esqueça... (*baixinho*) Nunca se esqueça... Nunca se esqueça...

EMANUEL (*transfigurado*) — Mamãe... Emanuel... Deus conosco... Comigo? Mamãe... (*reagindo*) Tome mais um trago para levantar o moral. Outro charuto. (*cínico*) E se aparecer uma boa garôta, chama nos peitos. Passa a bichinha na cara. Exu que se dane. (*bebe vários goles, daí em diante a embriaguez se torna evidente; valentão*) Agora, sim. Não tenho mêdo de nada, de ninguém. Nem de Exu. (*grita*) Nem da polícia. (*espia a ribanceira sem qualquer precaução; zomba*) Pelo jeito ainda não sabem que estou aqui. No bem bom. Continuam lá embaixo. Parecem formiguinhas tontas. Tentem subir, quero ver. É fácil para nós. Estamos sempre fugindo de alguém, de alguma coisa. Mesmo negro que nunca trepou nessas grimpas como eu, por instinto sabe onde botar os pés e as mãos. Como fera na selva. (*olha a lua*) Hei beleza de lua. Um charuto para êste negro.

(Volta ao pé da gameleira, acende um charuto, aspira com gôsto. Solta grossas baforadas... Cospe com desprêzo no defumador).

EMANUEL — Agora vou espiar o focinho de Exu bem de perto. (*entra no pegí*) Chiii como esta joça está escura. Cadê meus fósforos?

(Procura nos bolsos. Acende um palito, alumia a escuridão, que é absoluta. Tropeça num alguidar cheio de pólvora onde cai o fósforo e incendeia. O clarão da pólvora se funde com uma luz vermelha que ilumina fracamente a monstruosa imagem de Exu. De tamanho desproporcional, cobre de alto a baixo a parede de fundo do pegí, o ser humano se tornando muito pequeno a seu lado. Tôda negra, a imagem mostra uma bôca escancarada, enorme língua vermelha de fora. Ao acender-se a pólvora, surge Margarida, de joelhos, aos pés da imagem. Trajo de dormir, cabelos longos e louros soltos sôbre os ombros nus. Imobilidade absoluta. Apenas suas mãos repetem incessantemente o gesto mecânico de estrangular-se a si mesma. Ponto de Iemanjá. Emanuel recua apavorado para um canto do pegí).

EMANUEL (*amedrontado*) — É você, Margarida? Você morreu. Está morta. Bem morta lá no nosso apartamento. A polícia quer me prender... Mas... responda. É você? Responda, pelo amor de Deus. (*gritando*) Pelo amor de Deus não. Por Exu. Pelas sete lanças de Exu.

(Volta-se para a imagem, acende duas gigantescas velas que ladeiam Exu. Ajoelha-se bate a fronte no solo em sinal de reverência).

EMANUEL — Meu Exu das Sete Lanças... me salva. Manda ela me responder. (*Exu ri, o negro volta-se trêmulo para Margarida*) Então... então... você é um fantasma. Sabe que não te matei. Um susto. Queria te pregar um susto. Matar por quê? Eu não tinha ciúmes... Por quê? Por que temos de ser vítimas e culpados? Por que assassinar e ser assassinado? Como é difícil, como é amargo duas pessoas se entenderem!

(Emanuel soluça. Aparecem Efigênia e as Filhas de Santo, embaixo, no primeiro plano, de costas para a platéia).

EFIGÊNIA (*despeitada*) — Pela primeira vez o negro chora.

III FILHA DE SANTO — Aos pés da branca.

I FILHA DE SANTO — Chora. Não só por Margarida.

EFIGÊNIA — Por quem mais então? Por mim nunca derramou uma lágrima.

II FILHA DE SANTO — Está chorando também por você

I FILHA DE SANTO — Chora por você, por Margarida, por mim, por tôdas nós...

III FILHA DE SANTO — Chega! Não me botem no chôro dêsse tipo.

I e II FILHAS DE SANTO — (*juntas*) — As lágrimas purificam a alma.

III FILHA DE SANTO — As lágrimas dêle, não: corrompem. Chorar perdidos carinhos de uma branca.

I FILHA DE SANTO — Você bem sabe: não é por ela.

II FILHA DE SANTO — Por tôdas mulheres, por todos os homens. Pelo gênero humano dividido.

EFIGÊNIA — Ah, sim? Conversa. Vivia enrabichado pela branca. Uma obsessão. Só falava em branca, branca, branca. Uma vez peguei um caderno de poesia dêle. Estava escondido, mas descobri. Sabem o que tinha? Um inacabável "Cântico dos Cânticos à Eva Imaculada". Colo de marfim... pele alva de neve... ancas alabastrinas... cabelos de orvalho amanhecente... Cretino!

II FILHA DE SANTO — E você?

EFIGÊNIA — Eu?

II FILHA DE SANTO — Sim, você. Rejeitou a brancura?

EFIGÊNIA — Eu precisava vencer. Os brancos têm o privilégio: sem êles, nada feito. Enquanto Emanuel... amava Margarida. Ela teve o fim que merecia. Se não gostava dêle, porque insistiu em se casar? E de que maneira. Parecia louca... ou histérica. Cercava êle nas ruas... fazia cenas...

MARGARIDA (*desfaz a gesticulação mecânica*) — Fale à vontade; nunca suas ofensas me atingirão. (*volta-se para Emanuel*) Está bem. Falarei contigo. Mas não para te consolar. Lembra-se aquela vez que você estava triste e só? Me repeliu. Disse que sua solidão bastava, te ajudava a viver. Uma solidão impenetrável de rocha. Sòmente pedras dentro de você. Desanimaria qualquer outra. Menos a mim. Eu insisti. Com dedicação. E muito sofrimento. Plantei a flor da minha ternura na face daquela rocha. Transformei meu corpo numa flor áspera, flor de sangue, vermelha...

EMANUEL (*ríspido*) — ... rosa sangrenta que não tive em nossa noite de núpcias. Minha espôsa já era uma...

EFIGÊNIA (*vibrante, num grito*) — Prostituta!

MARGARIDA (*agressiva*) — Cala a bôca, negra. (*para êle*) Durante o noivado lhe contei tudo. A operação...

EMANUEL — Que não era mais virgem, não. Não contou.

MARGARIDA — Como poderia? Se nem eu mesma tinha certeza. Ainda era uma criança quando o médico me falou no assunto. Nunca imaginei que os homens fizessem questão de coisa tão sem importância...

EFIGÊNIA — Sem importância para você. Eu, desde o instante em que perdi minha "importância" tive meu caminho traçado: o caminho da perdição. Não houve escolha.

EMANUEL — Donzela ou não, tanto faz. Quando há sentimento. Quando não há mentiras.

MARGARIDA — Você está impressionado com aquela carta anônima. Um anonimato que não engana ninguém. Não me diga que não reconheceu a letra de Efigênia? Despeito de marafona...

EFIGÊNIA — Quer continuar o joguinho? A tapeação? Vamos, seu doutor. Fie-se nela, no seu anjo.

II FILHA DE SANTO (*advertindo*) — Branca quando casa com prêto...

III FILHA DE SANTO (*completando*) — ... está tapando algum buraco.

EMANUEL — Nunca dei ouvidos à Efigênia. Tudo fiz para evitar o malôgro do nosso casamento. Percebia que você sofria. De noite, no nosso quarto. Em nossa cama. Nossas noites foram sempre frias, flácidas. Sem entusiasmo nem paixão. Você tinha nojo de se encostar em mim.

EFIGÊNIA — Diga, quero ver.

III FILHA DE SANTO — Repita a desculpa.

EFIGÊNIA — Desculpa, não: chantagem. Vamos, não tem coragem? Não quer dizer? Então eu digo:

I FILHA DE SANTO (*lânguida*) — Agora, não, filhinho...

II FILHA DE SANTO (*idem*) — Amanhã, ou depois...

III FILHA DE SANTO (*sarcástica*) — Estou tão cansada hoje...

EMANUEL — Cansada! Cansada por quê? Cansada de mim. Eu nem tive tempo de cansar, muito depressa compreendi que não adiantava qualquer esfôrço. Tudo inútil. Definitivamente inútil. Nada encheria minha solidão. Que aumentava cada noite. Nem aquela solidão de pedras eu tornaria a encontrar. Nada tinha sentido, razão de ser. A própria dor. A dor existe sempre. Para os que se amam as noites são sempre iguais. Intensas e belas como a primeira. Que foi nosso casamento, Margarida?

I FILHA DE SANTO — Um espetáculo com padre e juiz.

II FILHA DE SANTO — E pronto. Salva a honra da família.

III FILHA DE SANTO — Mesmo com um prêto.

EMANUEL — E o espetáculo continuou... só teria fim com a minha morte.

EFIGÊNIA — Você viúva... que beleza, hein? Que apoteose o cemitério.

I FILHA DE SANTO — Coroas...

II FILHA DE SANTO — ... luto fechado...

III FILHA DE SANTO — ... e você recebendo pêsames...

EFIGÊNIA — Que maravilha!

EMANUEL (*brutal*) — Mas não fui para a cova. E antes que seu cadáver baixe à sepultura, você mesma se transformou num túmulo. Seu ventre foi o ataúde do nosso filho que você matou. Nosso filho, não. Meu. Sim, meu filho. Você tinha horror de que êle nascesse prêto. Êle ainda não respirava dentro de você, e eu já o amava.

I — II — III FILHAS DE SANTO (*juntas, profundamente líricas*) — Um filho tem a côr dos anjos.

EFIGÊNIA — Tanta crueldade não é de criatura humana.

I FILHA DE SANTO — As mulheres estéreis não comparecem diante de Obatalá.

II FILHA DE SANTO — Isto é terrível. Nem Obatalá quer julgá-las.

EFIGÊNIA — Mães assassinas dos próprios filhos então...

III FILHA DE SANTO — O castigo é ainda mais implacável.

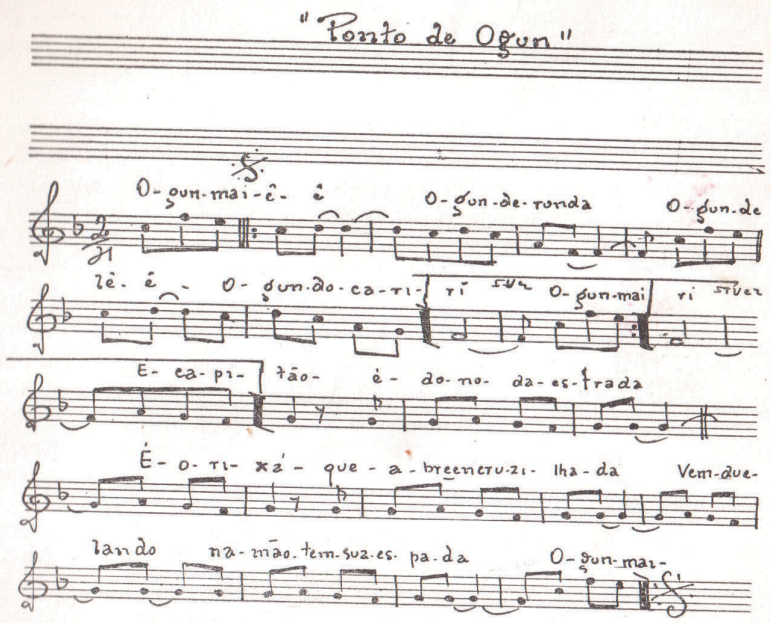
EMANUEL — Agarre-se com o demônio. Implore a Exu. Porque nem no inferno há lugar para você. Te odeio. Monstro. Monstro.

(Vai estrangulá-la. Quando as mãos de Emanuel tocam o pescoço dela, Margarida, Efigênia e as Filhas de Santo desaparecem ao mesmo tempo. O negro desce cambaleando. Apoia-se às bordas da ribanceira, fica espiando lá embaixo. Ouvem-se as batidas características de Omolu, os filhos de santo saúdam "Atotô... atotô". Prosseguem as batidas, corta a cena a Teoria dos Omolus, o rosto e corpo coberto de palhas longas, dançando: é o presságio da morte. Emanuel estremece, fala angustiado).

EMANUEL — Vida... morte... tudo é igual. Acho que não vou durar muito. Meu fim está próximo. Acabo como um estranho. Estrangeiro que fui no mundo que brilha lá embaixo. Parece que cintila de felicidade. Será mesmo uma cidade feliz? Não sei. Ninguém sabe. Sei que nesse mundo não houve lugar para mim. Um canto onde pudesse viver sem humilhações. Um país que não fôsse hostil. Em tôdas as partes é o mesmo. Êles, os brancos, de um lado. De um lado, não... Por cima. E o negro... surrado... roubado... assassinado... Oh estou sòzinho... E vencido!

(Efigênia surge de dentro do pegi. Traz o gigantesco lírio sangrento. Ponto de Ogun. Emanuel volta-se para ela, cai de joelhos, abraça suas pernas. Fala aflito, apressado).

EMANUEL — Sabia que você vinha, Efigênia. E não me abandonaria. Nem um minuto deixei de pensar em você. De te pertencer. Juramos nunca nos separarmos, lembra-se? Sempre juntos. Juntos sempre. Enfrentando, desafiando tudo. Sempre te amei. Você sabe disso. Mesmo daquela vez que te bati, foi por te querer demais. Você chamou a todos nós de "negros



Ogun maiê-ê
Ogun de ronda
Ogun de lê-ê
Ogun do Cariri

É capitão
É dono da estrada
É orixá que abre encruzilhada
Vem duelando
Na mão tem sua espada

amaldiçoados". Passou a detestar a própria côr. A futricar a vida de Margarida. Perdi o contrôle. Mas juro que bati pensando no teu bem. Queria te fazer sofrer. Para te redimir. Te lavar por dentro e por fora. E você seria outra. Fui um bruto, reconheço. Mas não fiz por ruindade. Pensou que te batia para defender Margarida? Bobinha. Era só por você. Unicamente por você. Nunca dormimos juntos. Mas é você que sempre senti como minha verdadeira espôsa. Pedaço da minha carne, bocado da minha alma.

EFIGÊNIA (*cínica, mas sem conseguir esconder uma perturbação comovida*) — Obrigada. Já falou demais. Agora cale-se. Não há mais tempo. O tempo não volta atrás. É um absurdo o que está dizendo.

EMANUEL (*ansioso*) — Não é absurdo a gente querer bem. Acreditar no amor. Amor devia ser algo simples. Mas não é. É difícil. Me perdoa, querida. Enterremos aqui, agora, mágoas e ressentimentos. Vamos viver. Salvar o que de bom e bonito sobrar do naufrágio. Me ajuda, Efigênia, me ajuda. (*observa o rosto dela, vê o lírio, levanta-se*) Como é amável... Trouxe um lírio para mim? Você é um anjo, sabe. (*beija-lhe a bôca, depois afasta-se desconfiado*) Mas êste lírio... Êste é o meu lírio. Onde arranjou essa flor? Responda, Efigênia. O que quer dizer você com êste lírio na mão? É esquisito... me faz lembrar... Mas não pode ser... não pode. Senão você estaria aqui para... para... É verdade, Efigênia?

(Efigênia está chorando silenciosamente. Emanuel sacode-a, ela reage, solta uma gargalhada estridente, sarcástica, cortante como lâmina).

EMANUEL — Então é verdade. Sou um amaldiçoado. Supondo que tivesse vindo para me reconquistar. Uma tolice: acreditei que a graça de Deus houvesse baixado até o fundo do seu pântano. Que adiantou o que fizemos? Para que livrar de Margarida? Por que cometemos o crime, desgraçada?

EFIGÊNIA (*cínica*) — Por que cometemos o crime? Que história é essa. Quer me complicar?

EMANUEL — Estou afirmando o que aconteceu. O crime que cometemos juntos. O nosso crime.

EFIGÊNIA (*zombeteira*) — Está mesmo louco. Quem se casou? De quem era a espôsa? Vamos, diga?

EMANUEL — Diga você: quem me botou na cabeça a idéia de liquidar Margarida? Quem arranjava amantes para ela? Você.

Quem me preveniu que eu ia ser enganado na minha própria cama? Apenas discuti com Margarida. Minhas mãos tocaram de leve a garganta dela. Não a estrangulei. Ela deu um gemido assustado, tombou sôbre a cama. Foi só. E foi tudo. (*pesaroso*) Oh meu filho já não existia mais...

VOZ DA II FILHA DE SANTO — Se não fôsse seu filho?

VOZ DA III FILHA DE SANTO — Se o pai fôsse outro?

EMANUEL — Foi melhor assim. Êle nem ter chegado a nascer... Mortes... Sempre mortes... Por quê? Por quê? Assassina... Assassina...

(Emanuel esbofeteia Efigênia. Impassível, Efigênia caminha até a ribanceira. Acena com o lírio chamando alguém. Êle avança brandindo a lança).

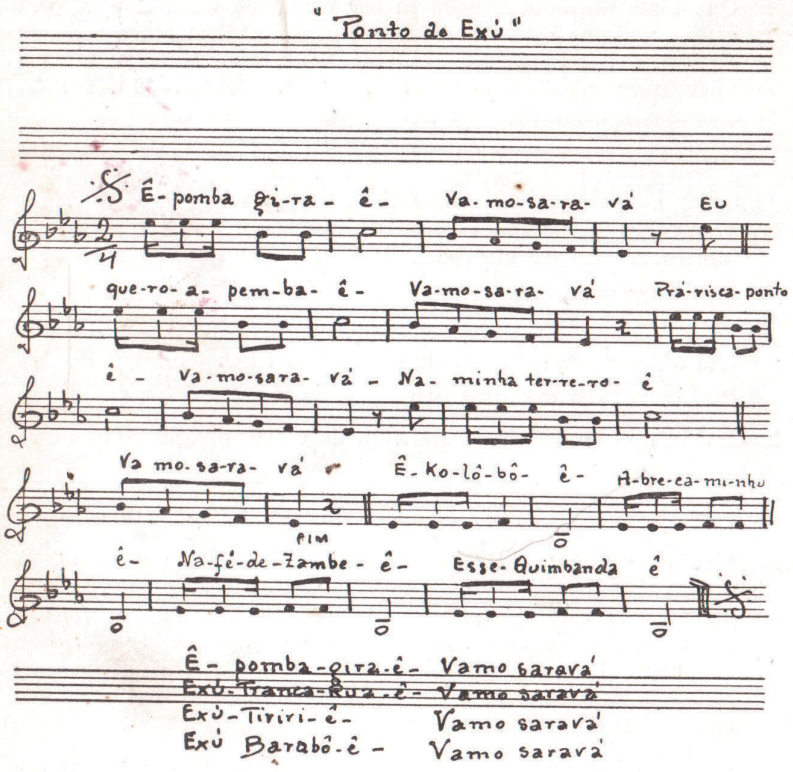
EMANUEL — Ordinária. Prostituta de corpo, prostituta de alma.

(Soam doze badaladas. Emanuel espia a ribanceira e compreende. Efigênia desaparece. Ponto de Exu).

EMANUEL — São êles. Vêm subindo. Me levaram as duas. A espôsa e a mulher amada. Me roubaram tudo. Melhor. Muito melhor assim. (*gritos, intercalados de forte riso de triunfo, que vai até o fim da peça*). Agora me libertei. Para sempre. Sou um negro liberto da bondade. Liberto do mêdo. Liberto da caridade, da compaixão de vocês. Levem também êsses molambos civilizados, brancos.

(Enquanto fala tira a camisa, as calças, está de tanga. Atira tudo pela ribanceira abaixo).

EMANUEL — Tomem seus troços. Com estas tapeações vocês abaixam a cabeça dos negros. Arrancam o orgulho dêles. Lincham os coitados por dentro. E êles ficam domésticos... castrados... mansos... bonzinhos de alma branca. Comigo se enganaram. Nada de mordaça na minha bôca. Imitando vocês que nem macaco. Até hoje fingi que respeitava vocês... que acreditava em vocês. Margarida muito convencida que eu estava fascinado pela brancura dela. Uma honra para mim ser corneado por uma loura. Branca azêda idiota. Tanta presunção e nem percebia que eu estava simulando. Como mulher tu nunca significou nada para mim. Olha: quem tinha nojo era eu. Aquelas coxas amareladas que nem círio de velório me reviravam o estômago. Teu cheiro? Horrível. O pior: teus seis mortos de carne de peixe. E o nosso filho... Lembra-se?



Ê pomba-gira-ê — "Vamo Saravá"
Eu quero a pemba-ê — "Vamo Saravá"
Prá "risca" ponto-ê — "Vamo Saravá"
"Na minha terreiro" ê — "Vamo Saravá"

Ê Kolôbô-ê
Abre caminho-ê
Na fé de Zambe-ê
Esse Quimbanda-ê

Ê pomba-gira-ê — "Vamo Saravá"
Exu-Tranca-Rua-ê — "Vamo Saravá"
Exu Tiriri-ê — "Vamo Saravá"
Exu Barobô-ê — "Vamo Saravá"

Te enganei outra vez. Tu matou para se desforrar da minha côr, não foi? Outro êrro teu. Eu não podia amar uma criatura que teria a marca de tudo que me renegou. Sonhei com um filho de face escura. Escuridão de noite profunda. Olhos pretos como abismo. Cabelos duros, indomáveis. Pernas talhadas em bronze... punhos de aço para esmagar a hipocrisia do mundo branco. Brancura que nunca mais há de me oprimir, estão ouvindo? Está ouvindo, Deus do céu? Quero que todos ouçam. Venham todos, venham!

(As três Filhas de Santo surgem em lugares diferentes, no instante em que falam).

I FILHA DE SANTO — Da terra!

II FILHA DE SANTO — Do céu!

III FILHA DE SANTO — Do inferno!

TRÊS FILHAS DE SANTO (*juntas*) — Venham.

(Emanuel entra no pegi e, invisível para o público, faz a invocação dos Exus. À medida em que são invocados, os Exus surgem como sonhos fantásticos entre as árvores).

EMANUEL — Conjuro as falanges do Exu-Rei.

CÔRO INTERNO (*grave, devagar, em tom litúrgico*) — Saravá...

EMANUEL — Exu Pagão!

CÔRO INTERNO — Saravá...

EMANUEL — Exu dos Ventos!

CÔRO INTERNO — Saravá...

EMANUEL — Exu das Trevas!

CÔRO INTERNO — Saravá...

EMANUEL — Exu Tranca Ruas!

CÔRO INTERNO — Saravá...

EMANUEL — Exu das Matas!

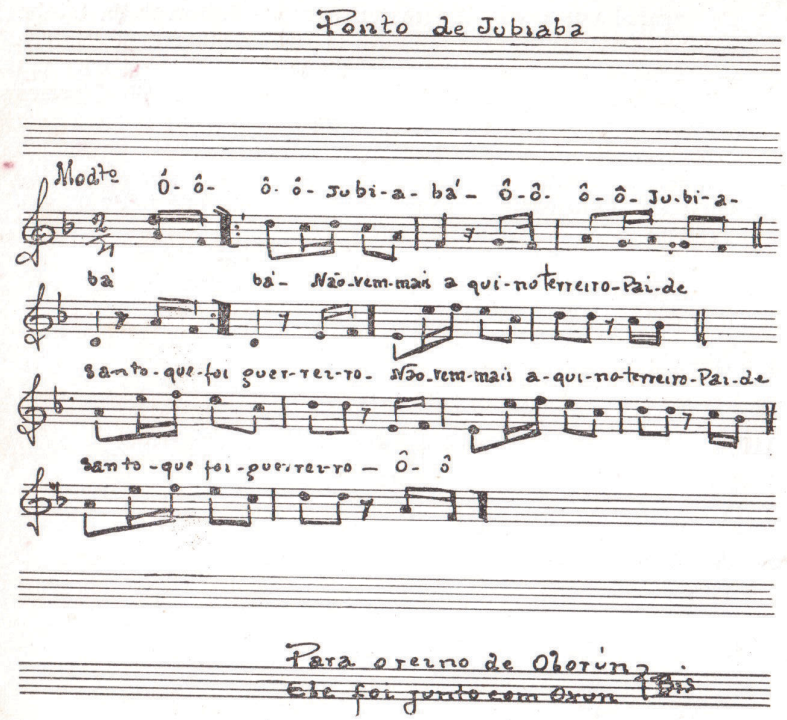
CÔRO INTERNO — Saravá...

EMANUEL — Exu da Lua!

CÔRO INTERNO — Saravá...

EMANUEL — Pomba Gira!

CÔRO INTERNO — Pomba Girô ô ô...



Bis { Ô—ô—ô—ô Jubiabá
Ô—ô—ô—ô Jubiabá

Bis { Não vem mais aqui no terreiro
Pai de santo que foi guerreiro

Bis { Para o reino de Ôlorum
Ele foi junto com Oxun

(Neste instante o luar se torna evidentemente mais fantástico. Emanuel sai do pegi paramentado para uma cerimônia religiosa, traz nas mãos a lança de Exu).

EMANUEL (*patético, frente para o público*) — Eu matei Margarida. Sou um negro livre.

(Emanuel, agora calmo e decidido, vai até à gameleira e ajoelha-se entre o despacho, abaixa a cabeça na direção do pegi. Aceita o sacrifício. As Filhas de Santo ràpidamente o envolvem e o atravessam com a lança de Exu. Ponto fúnebre de Jubiabá).

I FILHA DE SANTO — ... azeite de dendê... farofa...

II FILHA DE SANTO — ... marafo... charuto...

III FILHA DE SANTO — ... galo prêto...

(Emanuel estrebucha e morre).

I — II — III FILHAS DE SANTO (*juntas, devagar*) — Pronto: obrigação cumprida.

O PANO DESCE LENTAMENTE

Léa Garcia (Efigenia) e Abdias (Dr. Emanuel) numa cena de Sortilégio, *de Abdias do Nascimento. Produção: Teatro Experimental do Negro — Direção: Leo Jusi — Cenografia: Enrico Bianco.*

(Foto Carlos)